

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JANEIRO 2016)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **janeiro de 2016**, uma produção de 178 747 tons contra as 183 315 tons produzidas em janeiro de 2015, o que representa uma quebra de 2.5% face ao período homólogo do ano anterior. Esta evolução ficou a dever-se a uma estabilização nos alimentos para aves (0.7%) e outros animais (-0.1%), que, naturalmente, foram insuficientes para compensar as reduções significativas nos alimentos para suínos (-6.0%) e bovinos (-5.0%), os setores mais afetados pela crise ao nível da União Europeia (leite e carne de bovino), sem prejuízo das dificuldades que se estendem igualmente ao frango, ovos e bovinos de carne, cujas engordas há muito que estão comprometidas pelas condições de mercado e pelas políticas europeias, que tendem a privilegiar o regime extensivo, sendo certo que em Portugal nunca atingimos níveis de intensificação que ponham em causa a imagem da carne de bovino, como acontece em muitos países a nível mundial.

O ano de 2016 inicia-se com uma retração na procura, como aconteceu em janeiro de 2015 (então com uma redução homóloga de -3.7%) mas tal fica a dever-se igualmente ao número de dias de fabrico ser diferente, 20 dias este ano, contra os 21 dias do ano passado. Se extrapolarmos estes dados, para termos uma noção mais objetiva da “realidade do mercado”, concluímos que a produção média em janeiro de 2016 foi de 8 937 tons dentro da nossa amostra, enquanto em janeiro de 2015 se situou nos 8 729 tons, o que representa um incremento de 2.4%, com mais 200 tons/dia. Mantem-se, deste modo, a tendência de recuperação da produção nacional, em termos globais, que se manifesta desde setembro do ano passado, com variações homólogas positivas.

No entanto, tal como referimos na análise de dezembro e na apreciação/conclusões sobre a conjuntura de 2015, esta variação não é necessariamente uma boa notícia para as empresas, pela crise gravíssima que está a atravessar a pecuária, nacional e europeia, seguramente a pior desde a história da União e para a qual não tem sido possível encontrar medidas eficazes. Com clientes endividados e descapitalizados, pelos baixos preços pagos à produção, num cenário em que as explorações pecuárias dificilmente sobreviverão com uma estrutura de custos acima dos preços de mercado, a Indústria nacional de alimentos compostos para animais também está a sofrer as consequências da atual situação, esgotada a sua tradicional capacidade financeira de apoio à atividade pecuária. Por outro lado, como a IACA divulgou na semana passada, com base nos dados do INE, tivemos crescimentos nos abates, no leite e nas produções de ovos em 2015, pelo que existe capacidade produtiva mas há que encontrar mercados. Em Portugal e nos mercados externos, pelo que urge medidas.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Janeiro 2015	Janeiro 2016	Varição (%)
AVES	79 990	80 514	0.7
BOVINOS	42 195	40 081	-5.0
SUINOS	49 620	46 650	-6.0
OUTROS	11 510	11 502	-0.1
TOTAL	183 315	178 747	-2.5

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2.5
FEVEREIRO	169 253	169 178		
MARÇO	180 561	194 134		
ABRIL	185 747	192 758		
MAIO	187 486	179 461		
JUNHO	182 590	190 011		
JULHO	201 080	200 223		
AGOSTO	185 549	185 464		
SETEMBRO	186 769	192 131		
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
TOTAL	2 236 879	2 275 385	178 747	-2.5

Quadro 3 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76		39		44		11	
MARÇO	90		44		48		12	
ABRIL	90		43		48		11	
MAIO	87		35		47		11	
JUNHO	92		41		46		11	
JULHO	96		45		48		11	
AGOSTO	88		42		45		10	
SETEMBRO	88		44		49		10	
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
TOTAL	1 051	81	511	40	578	47	132	12

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Por outro lado, considerando as empresas que integram esta nossa base de monitorização mensal, apesar da diferença de dias de fabrico, são 9 as que melhoram a produção face a janeiro de 2015, representando 43.2% de quota de mercado, contra os 38.4% de 2015, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade.

No que respeita ao chamado “**mercado livre**”, registou-se, neste início de ano, uma quebra de 4.5%, bem acima da média do mercado (-2.5%), o que se prende com a redução nos bovinos (leite e carne) e suínos, denotando-se uma recuperação no mercado avícola e diminuição nos outros animais. Apesar das dificuldades e da acentuada concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com um peso dentro da amostra de 36.8% em janeiro de 2016, contra os 37.5% de 2015.

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se nos 0.80 €/kg de peso vivo (entre 1.20 a 1.30 €/kg carcaça nos mercados grossistas), o peru nos 2.30 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.70 e 0.73 €/Kg, mais baixas que as registadas no mês de janeiro, com tendência de baixa ou estabilidade. Ou seja, não existem expectativas de preços em alta. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma manutenção em todas as categorias e classificações, com esta tendência a ser decidida, na Bolsa de 26 de fevereiro, por unanimidade, nos novilhos, novilhas e vitelas, e por maioria, no caso das vacas. Os problemas existem também neste setor e as queixas já chegaram a Bruxelas e ao Governo mas de momento as preocupações mais graves, pelo desespero e consequências para a coesão da própria Europa, têm a ver com o leite e a carne de porco. No **leite**, os dados disponíveis mostram uma situação difícil, com preços na linha dos que apresentámos no mês anterior, não se prevendo alterações significativas no curto prazo. Ainda mais complicada é a expectativa de aumento da produção que, em 2015, se situou em cerca de 4% face ao ano anterior. Nos **suínos**, confrontando-se igualmente com um aumento da oferta (5% nos abates), regressou a tendência de descida de preços, de -0.030 €/kg carcaça na Bolsa de 25 de fevereiro.

Uma situação insustentável e que tende a ser explosiva...para a qual Bruxelas não encontra respostas, apesar do tema estar no centro da agenda política dos Chefes de Estado e de Governo e de se sucederem os Conselhos Agrícolas. A França, com um conjunto de países, entre os quais Portugal, parece ter recuperado algum do peso político, tendo apresentado um Memorandum centrado na continuidade dos mecanismos de intervenção, preços de intervenção mais elevados no leite em pó, apoios aos setores em crise, rotulagem, medidas de contenção de produção e ajudas a reestruturações. A única medida efetiva, o levantamento do embargo russo, ganha ainda mais importância mas as barreiras diplomáticas e as pressões dos parceiros europeus, tornam ainda mais complexa uma solução imediata. O Comissário Agrícola tenta abrir mercados externos para aliviar o excesso de oferta e apoia campanhas de promoção mas existem igualmente problemas do lado da procura, motivada pela desaceleração da atividade económica, na Europa, na China e um pouco por todo o mundo. Bruxelas estuda alternativas, como o reconhecimento, pela OMC, da gravidade da situação, no sentido de ser autorizada a conceder mais apoios porque as ajudas á tesouraria e a capacidade de resistência são as palavras-chave. Até quando? Temos, por outro lado, um problema complicado nas relações com a grande distribuição, que abusa das promoções e destrói valor. Mudar o estado das coisas não vai ser fácil, esperando-se apenas alterações no médio prazo, com a pressão do Parlamento Europeu. Em março, no Conselho Agrícola, esperam-se medidas duras e pragmáticas mas do Governo português espera-se que seja mais interveniente e ativo ao nível da PARCA, da rotulagem (carne e porque não o leite?) e na abertura de mercados externos como a China, essencial para as exportações agroalimentares. A IACA, solidária com os seus clientes, está consciente da gravidade da situação e do impacto para a Indústria; temos reforçado as mensagens e as pressões, seja em Portugal ou em Bruxelas, no quadro da FEFAC ou da Comissão Europeia. Espera-se mais um ano de extrema exigência, de enormes incertezas e ainda maiores dificuldades, que se podem acentuar com a continuada quebra dos preços do petróleo (mercados de exportação), a relação euro/dólar, a crise bancária, eventuais desvios no cumprimento das metas do Orçamento de Estado ou uma conflitualidade social.

Aqui estaremos para o que for necessário, na defesa dos interesses da Indústria.